

Marcel Vejmelka - São. Na medida em que Riobaldo é concebido e criado por Rosa como jagunço e sertanejo, ele vai representando conflitos e significados universais. E toda essa dimensão universal só existe graças ao trabalho "regional" de Guimarães Rosa. Motivos como o pacto ou o amor impossível e trágico, da culpa pessoal e coletiva, do sofrimento e consolo que dá o contar da estória da própria vida, são universais, mas só com eles não se

consegue uma expressão literária universal, é preciso criá-la com uma base cultural e histórica concreta. É o que Rosa faz com o mundo dele, o sertão mineiro. Esse processo se condensa de forma mais impressionante e eficiente no tratamento da linguagem de Rosa: os recursos de oralidade, dos "causos", dos ditados, das músicas populares, tudo isso é o que mais dá corpo e forma ao que se poderia chamar de "universal" no romance.

Desvendando o projeto de Rosa

Entrevista com Kathrin Rosenfield

Kathrin Rosenfield nasceu na Áustria e vive no Brasil, desde 1984. É pesquisadora e professora de Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Com doutorado em Literatura pela Universidade de Salzburg e formação em Psicologia Clínica pela Universidade de Paris VII, é autora de *Sófocles & Antígona*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005, *Antigone - de Sophocle à Hölderlin*. Paris: Galilée, 2003, entre outros.

Ensaísta de rara erudição e sensibilidade, aprendeu português para ler Guimarães Rosa. Nesse campo de interpretações acerca da obra *Grande Sertão: Veredas*, a professora Kathrin Rosenfield lança seu trabalho *Desenveredando Rosa: A obra de J. G. Rosa e outros ensaios roseanos*. Rio de Janeiro, Topbooks, 2005. O livro abre novas trilhas nos estudos roseanos, e analisa, entre outros temas, a presença da poesia popular na obra de Guimarães Rosa; suas afinidades com o universo de Goethe e Dostoiévski; as semelhanças e as diferenças com Machado de Assis, Euclides da Cunha e Gilberto Freyre.

Rosenfield Kathrin concedeu entrevista à *IHU On-Line* por e-mail. Na edição 139 da *IHU On-Line*, de 2 de maio de 2005, concedeu a entrevista *A banalização torna a tragédia atual*, sobre a peça teatral *Antígona*, exibida na Unisinos em 5 e 6 de maio do ano passado.

***IHU On-Line* - De que maneira, ou por qual enfoque a senhora acha que Guimarães Rosa deva ser lido?**

Kathrin Rosenfield - Na arte, não há regras fixas. Por isso recomendo, num primeiro momento, que cada leitor

observe tão somente suas reações - prazer, desgosto, tédio, entusiasmo, incompreensão. Os bons livros são como a própria vida, na qual nós podemos nos situar de modos diversos, assumindo posturas e posições flexíveis. O gosto vem com o tempo, e, às vezes, os livros que parecem ser árdios no início tornam-se bem mais interessantes e belos quando aceitamos as asperezas. Isso vale também para Rosa.

IHU On-Line - Qual foi sua nova percepção sobre a obra de Rosa em seu novo livro *Desenveredando Rosa: A obra de J. G. Rosa e outros ensaios roseanos? Qual é o ângulo da sua interpretação?*

Kathrin Rosenfield - Neste livro, procurei abordar a multiplicidade de elos com os pensadores brasileiros, com os poetas-pensadores alemães, as semelhanças de mentalidades entre o Brasil e a Europa Central e a Rússia de Dostoievski²⁹, e a questão dos gêneros (a fusão do épico e do lírico na narrativa roseana). Mas o novo volume contém também uma reedição do ensaio sobre, *Grande Sertão: Veredas* (estudo das estruturas míticas e do imaginário filosófico-religioso)

IHU On-Line - Como se relacionam na obra do autor filosofia, religião e psicanálise?

Kathrin Rosenfield - Rosa se inspira em grande parte dos antigos textos sagrados (Veda³⁰, Upanishades³¹, mitos

²⁹ Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destacamos *Crime e castigo*, *O Idiota*, *Os Demônios* e *Os Irmãos Karamázov*. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁰ Veda é a mais antiga e sagrada escritura do hinduísmo. (Nota da *IHU On-Line*)

³¹ Upanishades são uma coleção de textos escritos, na sua maioria, entre os séculos VIII e IV a.C. e que surgiram como extensão das quatro obras originais que compõem os Vedas (*Rig Veda*, *Yasur Veda*, *Samma Veda* e *Atharva Veda*). Na realidade, os Upanishades são também conhecidos como *Vedanta*, ou seja, o fim dos Vedas, e são

gregos e romanos, os místicos orientais e ocidentais), isto é, em obras que desconhecem a separação dos aspectos filosóficos, religiosos e psicológicos. Rosa coloca pensamentos sutis e complicados na mente de um personagem aparentemente simples.

É a vivência e a simples observação desse herói que fazem desabrochar um personagem multifacetado (um menino abandonado que se torna jagunço, depois chefe, e termina sendo herdeiro de fazendas de um pai rico que o reconhece somente tardiamente). E a narrativa de Rosa mostra que é o registro consciencioso das coisas concretas que desencadeia a reflexão. É com as coisas reais que surgem as coisas da sabedoria - não é preciso formular abstratamente para filosofar, os conceitos e pensamentos especializados perdem muitas facetas da existência, do sofrimento humano, da experiência psicológica e religiosa etc. Rosa acredita na poesia como Nietzsche e R. Musil - eles apostam na arte como um espaço no qual as diversas dimensões da vida confluem e no qual elas podem ser reordenadas ou reconfiguradas.

IHU On-Line - Quais eram as inspirações literárias de Guimarães? Ele pode ser comparado a quais escritores e por quê?

Kathrin Rosenfield - Para além dos "grandes, formidáveis clássicos" que já mencionei, Rosa tem muito dos poetas populares brasileiros, mas também dos grandes líricos alemães (Novalis³²,

atualmente considerados como uma das suas partes. (Nota da *IHU On-Line*)

³² Friedrich von Hardenberg (1772- 1801), mais conhecido por seu pseudônimo literário, Novalis, foi um dos principais representantes do romantismo germânico de fins do século dezoito. Quando criança, sofreu uma grave enfermidade, que o deixou acamado durante vários meses. Depois de curado foi que demonstrou seu temperamento: uma grande sensibilidade religiosa e poética, singulares numa criança. (Nota da *IHU On-Line*)

Rilke³³) que têm, como os poetas populares, o dom da observação dos detalhes concretos de bichos e plantas, das atmosferas da natureza, das sensações e sentimentos íntimos. Nesse nível, cabe mencionar também Simões Lopes Neto³⁴ que transformou os causos populares gaúchos, enriquecendo-os com a arte dos romancistas franceses (Flaubert³⁵ e Maupassant³⁶ que tratam

³³ **Rainer Maria Rilke** (1875 - 1926): escritor austríaco, considerado um dos poetas modernos mais importantes e inovadores da literatura alemã, por seu estilo preciso, pelas imagens simbólicas e suas reflexões. Poeta hermético, trabalha com os limites sensoriais da existência, da melancolia, a sua poesia traduz o fundamento da busca de ser. Entre suas obras, citamos: *O livro da vida monástica*, *O livro do peregrino* e *O livro da pobreza e da morte*. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁴ **João Simões Lopes Neto** (1865-1916): escritor gaúcho. A ele a revista *IHU On-Line* dedicou a edição 73, chamada *João Simões Lopes Neto: força da literatura brasileira e latino-americana*. O oitavo número dos *Cadernos IHU Idéias* é intitulado *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho*, de autoria da Prof^a Dr^a Márcia Lopes Duarte, professora do Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos. A publicação tem como base a apresentação da professora no *IHU Idéias* de 4 de setembro de 2003. É possível conferir sobre o autor uma entrevista concedida por Márcia na *IHU On-Line* número 73, de 1º de setembro de 2003. Entre as principais obras do escritor, destacamos *Cancioneiro Guasca* (1910), *Contos Gauchescos* (1912), *Lendas do Sul* (1913), *Casos do Romualdo* e o primeiro volume de *Terra Gaúcha*, estes dois últimos surgidos muito tempo após sua morte, em 1950. (Notas da *IHU On-Line*)

³⁵ **Gustave Flaubert** (1821-1880): escritor realista francês. Flaubert leva à perfeição o romance realista e consegue a mais completa harmonia entre a arte e a realidade. Escreveu: *Madame Bovary*, *Bouvard et Pécuchet*, *Salambô*, *Os Três Contos* e *A Educação Sentimental*. (Nota da *IUH On-Line*)

³⁶ **Guy De Maupassant** (1850-1893). Entre 1875 e 1885, produziu a maior parte de seus romances e contos. Escreveu pelo menos 300 histórias curtas, das quais algumas se tornaram universalmente conhecidas, como *Bola de sebo*, *O colar*, *Uma aventura parisiense*, *Mademoiselle Fifi*, *Miss Harriett*, entre outras. Rapidamente, tornou-se

tão bem as complexidades e perversões da alma). Dostoievski é outra fonte importante, pelo retrato interessante da maldade humana e pelo volume emocional. E não esqueçamos tampouco os ensaístas brasileiros - Gilberto Freyre³⁷, Sérgio Buarque de Holanda³⁸, Euclides da Cunha, Oliveira Vianna³⁹, Paulo Prado⁴⁰, cujas análises da mentalidade brasileira sustentam a construção do romance.

conhecido não apenas pelos franceses, como também por leitores de todo o mundo. Um aspecto que chama a atenção na sua obra é a variedade de temas que aborda. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁷ **Gilberto Freyre** (1900-1987): Escritor, professor, conferencista e deputado federal. Colaborou em revistas e jornais brasileiros. Foi professor convidado da Universidade de Stanford (EUA). Recebeu vários prêmios por sua obra, entre os quais, em 1967, o prêmio Aspen do ano, do Instituto Aspen de Estudos Humanísticos (EUA) e o Prêmio Internacional *La Madoninna*, em 1969. Ainda recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Münster (Alemanha) e da Universidade Católica de Pernambuco. Sua produção literária é muito importante. Entre seus livros, citamos: *Casa grande & Senzala* e *Sobrados e Mocambos*. O Prof. Dr. Mário Maestri, do PPG em História da Universidade de Passo Fundo (UPF), apresentou o segundo livro na programação do **II Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, promovido no dia 15 de abril de 2004, pelo Instituto Humanitas Unisinos. Sua palestra originou o artigo publicado no *Cadernos IHU* número 6, de 2004, intitulado **Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil. Algumas Considerações**. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁸ **Sérgio Buarque de Holanda** (1902-1982): historiador brasileiro, também crítico literário e jornalista. Entre outros, escreveu *Raízes do Brasil*, de 1936. Obteve notoriedade através do conceito de "homem cordial", examinado nessa obra. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁹ **Francisco José Oliveira Vianna**: sociólogo, ensaísta carioca e autor considerado, junto com Sérgio Buarque de Holanda, como primordial para a compreensão da formação ideológica e da questão territorial do país. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁰ **Paulo Prado** (1869-1943): escritor e ensaísta brasileiro, considerado junto de Monteiro Lobato um dos que melhor dominaram a arte e a prática de interpretar. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - O que liga e separa a obra *Grande Sertão: Veredas* do nosso novo milênio?

Kathrin Rosenfield – Rosa tem uma complexidade e um cuidado formal que não está muito na moda de épocas propensas à dispersão, ao consumo e ao divertimento fácil. Mesmo assim, há um carinho, um não sei quê amoroso que seduz sempre e graças a isso mesmo os leitores do novo milênio são atraídos por essa obra. O que é particularmente interessante em Rosa, nesse nosso novo milênio que começou com demonstrações de violência inimagináveis, é o retrato fiel da lógica maligna do ressentimento e do ódio. Não seria fácil fazer um paralelo entre o ódio que move os jagunços e os ódios que vimos nos Balcãs ou no Oriente Médio. Essa é uma das facetas que desenvolvi bastante no meu ensaio sobre *Grande Sertão*.

IHU On-Line - Muitas questões sobre *Grande Sertão* foram levantadas (exemplo questões ligadas à linguagem). Todas elas já foram respondidas? Quais as principais argumentações sobre a obra?

Kathrin Rosenfield – Entre as questões que mobilizam os leitores de Guimarães Rosa, apenas uma começou a se resolver razoavelmente: *Grande Sertão : Veredas* não é mais considerado um romance “ilegível”, embora nunca se tornou popular no sentido da preferência do grande público. No entanto, há outras questões sem nenhum consenso – e isso é um bom sinal, porque revela a complexidade da obra. Rosa foi elogiado (e de perspectivas bem diversas, como mostram os livros de Hansen⁴¹ e

⁴¹ **João Adolfo Hansen:** Escritor brasileiro e atualmente professor na USP. Entre outros, escreveu: *A Ficção da Literatura em Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Hedra, 2000 e *Solombra ou A sombra que cai sobre o eu*. São Paulo: Hedra, 2005. (Nota da *IHU On-Line*)

Fantini⁴²) como obra aberta que rompe com as fronteiras e explora inúmeras margens, tanto na ficção como na existência humana. Também já foi criticado por ter escrito uma obra regional, de ter assumido uma atitude regressiva, criando uma estética da pobreza (segundo Mainardi).

É preciso constatar que, por mais aberta e poligonal que seja a obra de Rosa, ele escolheu o universo – limitado – do sertão que não é um universo romanesco, mas pende bem mais para os gêneros do epigrama, da epopéia e da lenda (problema dos gêneros que aparece nos ensaios de Regina Zilbermann⁴³). Isso é um sinal que cabe meditar menos sobre analogias joyceanas de *Grande Sertão:Veredas* do que sobre suas diferenças. Rosa usa a ruminação reflexiva ao seu modo, com o vago objetivo de criar uma narrativa predominantemente lírica (e esta é uma grande diferença para com Joyce) que traz à tona um fundo emocional fundamental da mentalidade lusobrasileira. O verniz, a superfície moderna e joyceana cria um tênuo estranhamento que prepara outros

⁴² **Marli de Oliveira Fantini:** Escritora brasileira e professora do Departamento de Semiótica da Faculdade de Letras da UFMG. Escreveu, entre outros: *Fronteiras em falso: a poética migrante de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000 e *Guimarães Rosa: fronteiras, margens, passagens*. São Paulo: Senac; Ateliê, 2004. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴³ **Regina Zilberman:** profesora e escritora, foi conferencista da noite de 13 de setembro, no **Seminário Erico Veríssimo: vida, obra e atualidade**, promovido pelo IHU em 2005, com a palestra **Incidente em Antares**. Sobre o assunto falou à *IHU On-Line* 154, de 12 de setembro de 2005, sob o título **Um autor “amado por seu público e criticado pelas instituições**. Entre as publicações de Zilberman, destacam-se: *A literatura no Rio Grande do Sul* (1980); *Literatura gaúcha: temas e figuras da ficção e poesia do Rio Grande do Sul* (1985); *A leitura e o ensino da literatura* (1988); *Estética da Recepção e História da Literatura* (1989); *Pequeno dicionário da literatura do Rio Grande do Sul* (1999). (Nota da *IHU On-Line*)

deslocamentos da temática regional e da saudade. Isso já nos leva ao segundo problema – o do regionalismo, tão criticado como jogo coquete com o atraso do Brasil (por exemplo, por Diogo Mainardi⁴⁴). Entendo, em parte, as críticas contra o universo reduzido que aparece na obra de Rosa. Acredito, porém, que essa crítica é excessivamente cosmopolita. Mainardi, por exemplo, coloca-se a distância, medindo o mérito de Rosa (que é imenso no panorama da literatura brasileira) a partir de parâmetros inadequados. Na arte, é bom avaliar o que o que foi feito e o que foi possível fazer. Rosa começou como poeta e contista e desenvolveu sua técnica “romanesca”, com base nesses seus pendores predominantes. Seu *Magma* queria transformar a poesia popular em poesia popular-e-erudita, mas o próprio poeta julgou que essa tentativa redundara num beco sem saída. Dessa constatação e da grandeza de abandonar a poesia nasceu uma nova maneira de contar, aliando o realismo muito concreto com fantasias amorosas e místicas e com o desejo de elevação metafísica. Tudo isso representa uma criação bastante voluntarista, com base em dados históricos especificamente brasileiros. O gênero que Rosa criou e sua pré-história são muito distantes do romance (gênero europeu) propriamente dito. Essa observação assinala a diferença com os romances modernos de Proust⁴⁵ e Henry James⁴⁶, de Joyce e

⁴⁴ **Diogo Mainardi** (São Paulo, 1962) escritor e jornalista brasileiro. Mainardi tornou-se conhecido com sua coluna na Revista *Veja*, com críticas à sociedade brasileira e à esquerda. Controverso, vem ganhando muito destaque nos meios de comunicação. Atualmente também é membro do programa dominical Manhattan Connection, da GNT, transmitido no Brasil e em Portugal. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁵ **Marcel Proust** (1871-1922): É considerado um dos maiores e mais influentes escritores do século XX. Nasceu em Paris, em 10 de julho de 1871. Seu pai era médico e sua mãe, de família judia, rica e culta. Desde a infância Proust sofria com crises de asma.

de Musil. Esses representam a fina flor de um longo processo de fermentação artística e acúmulo intelectual, de uma “tradição formal”: essa não consiste apenas em um desenvolvimento narrativo, mas na plasmação de hábitos comunicativos diversificados que não existia no Brasil de Guimarães Rosa. Os temas amorosos que Rosa escolhe, por exemplo, podem parecer limitados quando pensamos que desde o século XVIII, o romance chamado “licencioso” integra os sentimentos e desejos desviantes na reflexão moral, força uma porta para um continente não tanto desconhecido, mas antes não-falado: o mundo de emoções complicadas, dúbias e fora da teia dos discursos legítimos. Crébillon Fils⁴⁷ é apenas um dos

Seus talentos literários se manifestaram desde o colégio. Cedo começou a frequentar os salões parisienses, como os de Mme. Arman, amiga de Anatole France, que o apoiou no lançamento do primeiro livro, que obteve pouco sucesso. Durante alguns anos Proust dedicou-se a traduzir e comentar o crítico de arte inglês John Ruskin. Em 1905, a morte da mãe o deixou profundamente abalado.

A obra de Proust foi, enquanto ele viveu, objeto de grandes controvérsias entre os que a consideravam genial e os que a proclamavam impossível de ser lida. Hoje é reconhecida como fundamental na literatura francesa. *Em Busca do Tempo Perdido*, um monumental trabalho literário, é um painel da vida social da alta burguesia francesa do final do século XIX, analisada não do ponto de vista científico da moda naturalista, mas por meio da introspecção subjetiva do narrador. Proust morreu de pneumonia em novembro de 1922. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁶ **Henry James** (1843-1916): Escritor estadunidense (naturalizado britânico ao fim de sua vida), autor de alguns dos romances, contos e críticas literárias mais importantes da literatura de língua inglesa. Era filho do teólogo Henry James Sr. e irmão do filósofo e psicólogo William James. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁷ **Crébillon Fils** (1707-1777): nasceu e morreu em Paris, filho de Jolyot Prosper Crébillon, moralista considerado rival de Voltaire. Cedo começou a frequentar salões e bailes e não demorou a pintar tais ambientes em seus textos libertinos, nos quais tecia análises psicológicas e retratava costumes da

representantes dessa tradição de “libertinos” no século XVIII, Proust é o apogeu dessa tradição. Ambos são representantes de uma longa e lenta complexificação da arte narrativa. É absolutamente impossível julgar Rosa nesse tipo de parâmetro que pressupõe não só um mundo e seus discursos, mas um longo processo de ambientação mimética desses discursos na literatura...

IHU On-Line - Podemos comparar com quem?

Kathrin Rosenfield - ...seria muito mais útil comparar Rosa com Goethe⁴⁸ e os pré-românticos alemães (Novalis e Rilke, por exemplo), do que com o romance moderno de Proust e Joyce. Isso não significa que Rosa cultive o “atraso”. Ele faz o que é possível e necessário em um determinado contexto. Isso aconteceu também em outras culturas. Goethe, por exemplo, que tanto fez para alçar a literatura alemã a certo patamar, também foi alvo de remoques sarcásticos que o censuraram como provinciano e sentimental. Sempre é possível criticar – até um monumento literário como Goethe – quando se escolhe uma perspectiva perspicaz, por exemplo, parâmetros franceses para um narrador alemão. Barbey d’Aurevilly⁴⁹, grande

época. Por causa deles, foi aprisionado durante alguns anos na Bastilha, de onde saiu para ocupar o cargo de censor real. Além de *O sofá*, publicado em 1742, é autor de *Égarements du coeur et de l'esprit* (1736), *La nuit et le moment* (1737), *Le hasard du coin du feu* (1740). (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁸ **Johann Wolfgang von Goethe** (1749-1832): escritor alemão, cientista e filósofo. Como escritor, Goethe foi uma das mais importantes figuras da literatura alemã e do Romantismo europeu, nos finais do século XVIII e inícios do século XIX. Juntamente com Schiller foi um dos líderes do movimento literário romântico alemão *Sutrm und Drang*. De suas obras, merecem destaque *Fausto* e *Os sofrimentos do jovem Werther*. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁹ **Jules Amédée Barbey d'Aurevilly** (1808 –1889) Novelista francesa. (Nota da *IHU On-Line*)

narrador, embora quase desconhecido no Brasil, assumiu, diante de Goethe, o papel dos que, com mais ou com menos humor, riram do que chamam às vezes de “matutices sentimentais” do grande Rosa: escreveu que “morre de tédio” com os romances de Goethe, “obusado” [metralhado] pelos clichês das suas figuras femininas, pela repetição do “éternel tricot” que parodia, evidentemente, o “eterno feminino”, a representação goetheana do feminino que os alemães apreciaram como algo inimitável e preciosíssimo. Pessoalmente gosto dessas vozes dissonantes que aguçam o olhar.

IHU On-Line - Guimarães Rosa foi engajado ou omissivo na elaboração dos problemas políticos, religiosos e sociais do país?

Kathrin Rosenfield - Rosa se sentiu um autor muito engajado com a coisa política *latu sensu*. De certa forma, ele tinha uma posição bastante próxima de um Hölderlin⁵⁰ ou de Musil que eram muito sinceros na sua convicção de que um artista é “político” e “engajado” na medida em que cuida seriamente da sua linguagem, do refinamento estilístico de sua expressão, enfim, levando a sério sua arte. As implicações políticas da literatura – desde o surgimento das literaturas vernáculas, nas quais a mera escolha do francês ou do português (em vez do latim) já tinha implicações sociais, religiosas e políticas – surgiram, durante séculos, da complexidade da cultura, das diferenças de expressão dos diversos estratos sociais, grupos de interesse em conflito etc. Quem lê uma boa biografia de Shakespeare (por

⁵⁰ **Johann Christian Friedrich Hölderlin**: (1770-1843), poeta alemão, considerado uma das figuras mais notáveis da poesia alemã. Preparou-se para ser pastor luterano, mas não tomou ordens. Ganhou a vida como tutor de crianças de famílias de destaque na Alemanha, na Suíça e na França. Seu gênio poético somente foi reconhecido no século XX. (Nota da *IHU On-Line*)

exemplo, a de Stephen Greenblatt⁵¹) conhece bem a plasmação desses conflitos estilísticos nos sermões e correspondências, provérbios e contos, nos jogos de mistérios e as nas tragédias que preparam o salto estilístico e a densidade da arte de Shakespeare. Acho legítimo para um artista não querer ser mais político do que Shakespeare, mantendo-se no limiar da arte, recorrendo somente a sugestões, analogias. A Rosa pareceria de mau gosto e artisticamente ilegítimo entrar no domínio dos conceitos e das ideologias. Ainda mais na sociedade na qual ele vive: carente de formas de expressão, de práticas e instituições com modos e estilos próprios. Certamente não é por acaso que Rosa escolhe o mundo sertanejo, o tema do pacto como veículos para a fusão de elementos vivos da cultura brasileira. As realidades políticas que ele reelabora são os problemas dos pensadores do Brasil: o caráter melancólico-saudoso com sua oscilação entre volúpia e violência; a cordialidade com suas cumplicidades malignas que permeiam todos os estratos da sociedade; o forte imaginário do clã (parental e eleitoral).

IHU On-Line - Que projeto literário Rosa tinha em mente

Kathrin Rosenfield - A tentativa de reforçar os elementos propícios para criar uma tradição autenticamente brasileira. No Brasil, o problema da *expressão literária* de sentimentos interiorizados, das perversões, das mil dobras interiores da alma, surge abruptamente, sem o preparo lento, no século XX. Mario de Andrade, por exemplo, no romance-novela ***Amar, verbo intransitivo*** toca na diferença abissal que separa a sensibilidade

⁵¹ **Stephen Greenblatt** (1943): crítico literário norte-americano Professor da Universidade da Califórnia em Berkeley. Autor de *Possessões Maravilhosas*. São Paulo: EDUSP, 1996. (Nota da *IHU On-Line*)

amorosa e estética alemã (Fräulein) da do adolescente paulista. Todo esse problema, contudo, se resume em uma curta cena, numa alusão importante, ainda que germinal, às atitudes totalmente diversas (brasileira e alemã) diante da natureza, do corpo físico, do corpo feminino. Ainda nos anos 1920, esses problemas de adequar forma e conteúdo da interioridade são pouco elaborados - Clarice⁵², Osman Lins⁵³, Mario de Andrade, Oswald de Andrade⁵⁴,

⁵² **Clarice Lispector** (1920-1977): escritora nascida na Ucrânia. De família judaica, emigrou para o Brasil quando tinha apenas dois meses de idade. Começou a escrever logo que aprendeu a ler, na cidade de Recife. Em 1944 publicou seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*. A literatura brasileira era nesta altura dominada por uma tendência essencialmente regionalista, com personagens contando a difícil realidade social do país na época. Lispector surpreendeu a crítica com seu romance, quer pela problemática de caráter existencial, completamente inovadora, quer pelo estilo solto elíptico, e fragmentário, reminescente de James Joyce e Virginia Woolf, ainda mais revolucionário. Seu romance mais famoso embora menos característico quer temática quer estilisticamente, é *A hora da estrela*, o último publicado antes de sua morte. Neste livro a vida de Macabéa, uma nordestina criada no estado Alagoas e vai morar no Rio de Janeiro, e vai morar em uma pensão, tendo sua vida descrita por um escritor fictício chamado Rodrigo S.M. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵³ **Osman Lins** (1924-1978): Nasceu a 05 de julho de 1924 em Vitória de Santo Antão, Pernambuco. Autor de contos, romances, narrativas, livro de viagens e peças de teatro, e distinguido com vários prêmios estaduais (Pernambuco e São Paulo). Em conferências a universitários, artigos de jornal, palestras com editores e no livro *Guerra sem testemunhas*, Osman Lins levanta problemas fundamentais da profissão de escritor. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁴ **Oswald De Andrade**, poeta, romancista e dramaturgo, nasceu em São Paulo em 11 de janeiro de 1890. Filho de família rica, estuda na Faculdade de Direito do Largo São Francisco e, em 1912, viaja para à Europa. Em Paris, entra em contato com o Futurismo e com a boemia estudantil. Além das idéias Futuristas, conhece Kamiá, mãe de Nonê, seu primeiro filho, nascido em 1914. Em 1926, Oswald casa-se com a Tarsila do Amaral e os dois tornam-se o casal mais importante das artes brasileiras. Apelidados carinhosamente

e muitos outros se debruçam sobre a conquista das formas especificamente brasileiras de sutilezas que já fazem parte de uma longa tradição européia. Rosa percebeu muito claramente os desafios históricos da literatura brasileira e tinha um extraordinário dom artístico que lhe permitia expressar – numa nova forma! – alguns dos elementos essenciais da cultura luso-brasileira: a saudade, o pendor lírico, o fundo melancólico, o ativismo pragmático. Acho que isso é mais do que se possa esperar de um artista. Cabe à crítica descrever detalhadamente como essa fusão foi possível e como o valor de cada tema muda em qualidade e expressividade nessa fusão.

por Mário de Andrade como "Tarsiwald", o casal funda, dois anos depois, o Movimento Antropófago e a **Revista de Antropofagia**, originários do **Manifesto Antropófago**. A principal proposta desse Movimento era que o Brasil devorasse a cultura estrangeira e criasse uma cultura revolucionária própria. O ano de 1929 é fundamental na vida do escritor. A crise de 29 abalou as suas finanças, ele rompe com Mário de Andrade, separa-se de Tarsila do Amaral e apaixona-se pela escritora comunista Patrícia Galvão (Pagu). O relacionamento com Patrícia Galvão intensifica sua atividade política e Oswald passa a militar no Partido Comunista Brasileiro (PCB). Além disso, o casal funda o jornal "O Homem do Povo", que durou até 1945, quando o autor rompeu com o PCB. Do casamento com Patrícia Galvão, nasceu Rudá, seu segundo filho.